

UM ITINERÁRIO PARA A ARQUITETURA MODERNA EM FLORIANÓPOLIS

Luiz Eduardo Fontoura Teixeira UFSC¹
Gilberto Sarkis Yunes UFSC²
Marcos Marciel Sansão UFSC³.
Marianna Spindola Godoy UFSC⁴
Rafaela Regina de Souza UFSC⁵

Resumo

Apresenta percurso pelas edificações e espaços urbanos de Florianópolis, construídos na linguagem moderna de 1930 a 1970. São estudados elementos da modernidade, através dos planos estatais e a ação do capital. Vestígios do ideário moderno resultantes são levantados e documentados num itinerário cultural patrimonial. Uma tensão compositiva entre os espaços modernos e a cidade pretérita, por rupturas de gabarito, estrutura urbana e novas formulações plásticas, caracterizaria esses percursos.

Palavras-chave: arquitetura moderna, itinerários culturais, Florianópolis.

Abstract

Presents a route through the buildings and urban spaces of Florianópolis, built in modern language from 1930 to 1970. Elements of modernity were studied, through state action plans and capital. Traces of modern ideas are researched and documented resulting in a cultural heritage itinerary. A compositional tension between the modern and the past tense city spaces for breaks of scale, urban structure and new plastic formulations characterize these pathways.

Key words: modern architecture, cultural itineraries, Florianópolis.

Nos anos de 1930, após a construção da Ponte Hercílio Luz, ligando a

¹ Arquiteto e Urbanista pela UFRGS (1978). Mestre em Desenvolvimento Regional e Urbano pela UFSC (2002). Doutor em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo pela USP, São Carlos (2009). Professor do Núcleo de Teoria e História (ARQ/UFSC). Atua no Programa de Pós Graduação em Arquitetura, Urbanismo e História da Cidade (PGAU-Cidade). Coordenador do Grupo de Pesquisa da Modernidade em Arquitetura e Urbanismo (ARQ/UFSC). Membro de Grupos de Pesquisa NUCOMO e SITUS (ARQ/UFSC) e do ICOMOS/BR/UNESCO. Email: fontourateixeira@gmail.com.

² Arquiteto e Urbanista pela UFPel (1977). Graduação em Pintura EBA/UFPel (1972). Mestre em Arquitetura pela USP, São Carlos (1987). Doutor em Estruturas Ambientais Urbanas pela FAU/USP (1995). Master em Paisagens Culturais pela Università degli Studi di Napoli Federico II (2010). Professor do Núcleo de Projeto (ARQ/UFSC). Atua na Pós Graduação PGAU-Cidade. Membro do Grupo de Pesquisa da Modernidade em Arquitetura e Urbanismo e NUCOMO (ARQ/UFSC). Membro INEP/SINAES gsyunes@uol.com.br

³ Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC. Bolsista Voluntário em Programa de Iniciação Científica (UFSC). Membro do Grupo de Pesquisa da Modernidade em Arquitetura e Urbanismo e NUCOMO (ARQ/UFSC). Email: mmsansao@gmail.com

⁴ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC. Bolsista Voluntária em Programa de Iniciação Científica (UFSC). Membro do Grupo de Pesquisa da Modernidade em Arquitetura e Urbanismo e NUCOMO (ARQ/UFSC). Email: mariannasgodoy@gmail.com

⁵ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela UFSC. Bolsista Voluntária em Programa de Iniciação Científica (UFSC). Membro do Grupo de Pesquisa da Modernidade em Arquitetura e Urbanismo e NUCOMO (ARQ/UFSC). Email: rafaela9souza@gmail.com

ilha ao continente, e da Avenida Hercílio Luz, na área periférica central, inicia-se definitivamente o processo de modernização de Florianópolis, que então se consolida como capital catarinense. A posterior expansão em direção ao norte da Ilha, nos anos de 1950, prenuncia a atividade turística ligada à balneabilidade. Outro avanço urbano importante acontece na década de 1960, quando se efetua a abertura de uma grande Avenida na Baía Norte, chegando ao centro da Ilha. Este fato viabiliza a posterior instalação da universidade federal e do órgão estatal atuante no processo de eletrificação do estado.

O processo de renovação urbana da área central passa então pela verticalização das novas edificações, entre as décadas de 1950 e 1970, contrastando com a malha urbana pré-existente, da cultura luso-brasileira, e sua arquitetura tradicional, quase sempre modesta e de volumetria horizontal. A presença dessa arquitetura de linguagem moderna representa a sintonia dos governantes locais com o espírito de renovação nacional, elemento comum desses diferentes ciclos da modernidade.

Como resultado da pesquisa encontram-se mapeados os locais das edificações e espaços urbanos modernos divididos em cinco setores, quatro na ilha e um no continente. Projetos e obras ainda existentes ou desaparecidos são listados, bem como os diversos agentes envolvidos, autores e clientes. Além de subsidiar ações de preservação, o trabalho tem por objetivo divulgar o percurso deste ideário na configuração urbana da cidade de Florianópolis, sugerindo roteiros, físicos e virtuais, deste patrimônio para moradores e visitantes da cidade.

A cidade modernizada

O Município de Florianópolis compreende espacialmente uma porção insular, localizada na costa atlântica, a Ilha de Santa Catarina, e uma continental, o Estreito. No contexto dos ciclos da modernidade, entre os anos de 1930 e 1970, a cidade de Florianópolis, capital de Santa Catarina, tem seu desenvolvimento explicitado em grande parte por edificações e espaços urbanos projetados e construídos nas linguagens modernas referenciadas nesta época (TEIXEIRA, 2009).

Grande parte do processo de modernização do município deveu-se a

ações estatais no sentido de consolidar Florianópolis como capital do estado, como afirmado acima, no início do texto. A cidade inicia esse processo na década de 1930 e tem um período de menor crescimento na década de 1940, quando os problemas gerados pela 2ª Guerra Mundial atingiram a capital, acabando por estagnar as atividades portuárias, sua principal economia urbana. O ideário moderno recebe novo impulso na década de 1950, em processo afinado à conjuntura política nacional dos ciclos de desenvolvimentismo e que consagrou a vontade das elites locais. Nessa época, houve a renovação urbana da área central e um processo de verticalização das edificações, conforme citado anteriormente.

Uma transformação urbana importante acontece na década de 1960, reforçando essa vocação turística do município: a abertura de uma grande Avenida na Baía Norte chegando ao centro da Ilha, ligando o centro formador aos seus balneários. A expansão em direção ao norte da Ilha prenunciaria a atividade turística, ligada à balneabilidade, como nova atividade econômica. Esta região fortaleceu-se como vetor do crescimento também através da instalação da universidade federal e de órgão estatal atuante no processo de eletrificação do estado em suas imediações. (SUGAI, 1994)

A transformação da linguagem arquitetônica foi marcante considerando o período abordado em sua ampliação, nos anos de 1930 a 1980. No processo foram construídas edificações em linguagem Art Déco, Racionalismo Clássico, Modernismo e posteriormente, em uma espécie de canto do cisne do moderno, na linguagem convencionada como Brutalismo. A palavra vem do francês "brüt", designando uma arquitetura crua, tal como revelada ao se retirarem os moldes da edificação em concreto armado. Isso traduziria, por contradição, um refinamento da técnica construtiva, revelando a *verdade dos materiais*. O Art Déco, como linguagem de uma modernidade popular (porque não oriunda de um movimento erudito), vai geometrizar os ornamentos, mimetizando os elementos formais das máquinas, símbolos explícitos da modernização. O Racionalismo Clássico, embora já se valendo da técnica do concreto armado, vai utilizar este de forma discreta. A volumetria resultante (principalmente em edifícios corporativos) vai fazer uma interpretação atualizada dos elementos da coluna clássica: embasamento, desenvolvimento em altura dos pavimentos

(fuste) e coroamento (capitel). O Modernismo, em sua acepção mais erudita, compondo um Movimento de vanguarda, vai propor uma linguagem de teor abstrato, calcada por um lado, na técnica construtiva do concreto armado e sua plasticidade, e por outro na eliminação do ornamento, propondo uma funcionalidade imediata, alusiva à modernidade da máquina.

Como em muitos outros lugares do Brasil, houve simultaneidade temporal de inserção urbana das linguagens Déco, Racionalista e Moderna. Isso se explica pela conjuntura cultural da época, na qual essas arquiteturas eram encaradas todas como modernas, ou parte de um processo de modernidade da cidade.

Diversos elementos foram os propulsores dessa modernidade, tais como: a ação do capital privado e a influência dos Planos Diretores, reguladores do planejamento urbano; as iniciativas estatais federal, estadual e municipal, e seu impacto no espaço urbano e no imaginário da população. Neste contexto, a presença da arquitetura de linguagem moderna, representou a sintonia dos governantes locais com o espírito de renovação nacional, comum aos diferentes ciclos.

O processo de renovação urbana inicia pela área central, sendo as características principais do período abordado o adensamento da região e a transformação de linguagem das arquiteturas, contrastando radicalmente com as arquiteturas anteriores da cidade tradicional pela volumetria e características estilísticas e construtivas. A área passaria também por um início de verticalização em função do desenvolvimento urbano, valorização imobiliária e concentração de equipamentos e infraestrutura no coração da cidade.

A estrutura fundiária, que tradicionalmente era marcada pela tradição luso-brasileira, foi sendo modificada nesse processo, através da junção de lotes e consequente construção de novas edificações em maior escala, atendendo aos programas arquitetônico-urbanos da época. Dentre eles, podemos destacar os hotéis, cinemas, clubes, edifícios estatais, residenciais e de escritórios. (TEIXEIRA, 2009)

Os vestígios materiais do ideário moderno resultantes dessas ações estão em fase final de levantamento e documentação. Deste quadro geral

pode-se destacar a existência de obras importantes como representativas do ideário do movimento modernista nacional na região: o Lagoa Iate Clube (1969) e o projeto de loteamento do balneário Jurerê de Oscar Niemeyer (1957); os projetos paisagísticos de Burle Marx para o aterro da Baía Sul e praça de convivência junto à reitoria da Universidade Federal de Santa Catarina (1970); o edifício Normandie (1959), de Roberto Félix Veronese; a infelizmente destruída residência Zipser (1956) e o Palácio Santa Catarina (1967) de Hans Broos; a Biblioteca Pública (1988) e as passarelas de Lelé (João Filgueiras Lima); e a Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina (1964) de Pedro Paulo de Melo Saraiva, Paulo Mendes da Rocha e Alfredo Paesani.

Neste processo de estudo e reconhecimento do modernismo em Santa Catarina, é notável, seja na área das artes plásticas, visuais ou da arquitetura e urbanismo, a concentração de esforços de reflexão e divulgação da problemática do patrimônio moderno somente no meio acadêmico, sendo a maioria da produção resultante de dissertações de mestrado e teses de doutorado realizadas no Brasil e no exterior. O rebatimento destas ações de reconhecimento e preservação no plano institucional público e privado, e mesmo de gestão governamental, tem ocorrido de forma lenta e sem resultados dignos, considerando sua importância para o contexto do desenvolvimento urbano e social do Estado.

Um itinerário para a arquitetura moderna

Os Itinerários da Arquitetura Moderna de Florianópolis se configuram como produto da pesquisa e registro dos exemplares de edificações e setores urbanos considerados como representativos desta linguagem, podendo também abranger outras manifestações anteriores e posteriores consideradas importantes para a sua compreensão e consagração.

Além de subsídio para as ações de preservação desse patrimônio recente, mas não menos ameaçado, este trabalho tem como objetivo divulgar possíveis percursos, sob a forma de roteiros desses bens culturais, para moradores e visitantes da cidade.

Dentro do enfoque metodológico da pesquisa, foram mapeados e

agrupados sob a forma de zoneamentos as edificações e espaços urbanos de interesse para o recorte de estudo da pesquisa no município de Florianópolis. Assim, conforme se pode observar na Figura 1, as regiões da cidade onde se encontram os exemplares foram definidas por cinco setores: Península Central e arredores (S1), Continente (S2), e região do Campus Central da Universidade Federal de Santa Catarina e Bacia do Itacorubi (S3), Norte da Ilha (S4) e Lagoa da Conceição (S5).

Esses zoneamentos ou regiões correspondem em parte ao próprio percurso de modernização da cidade, configurando consequentemente suas expansões, como também do critério espacial adotado para a classificação dos exemplares em estudo no âmbito da pesquisa.

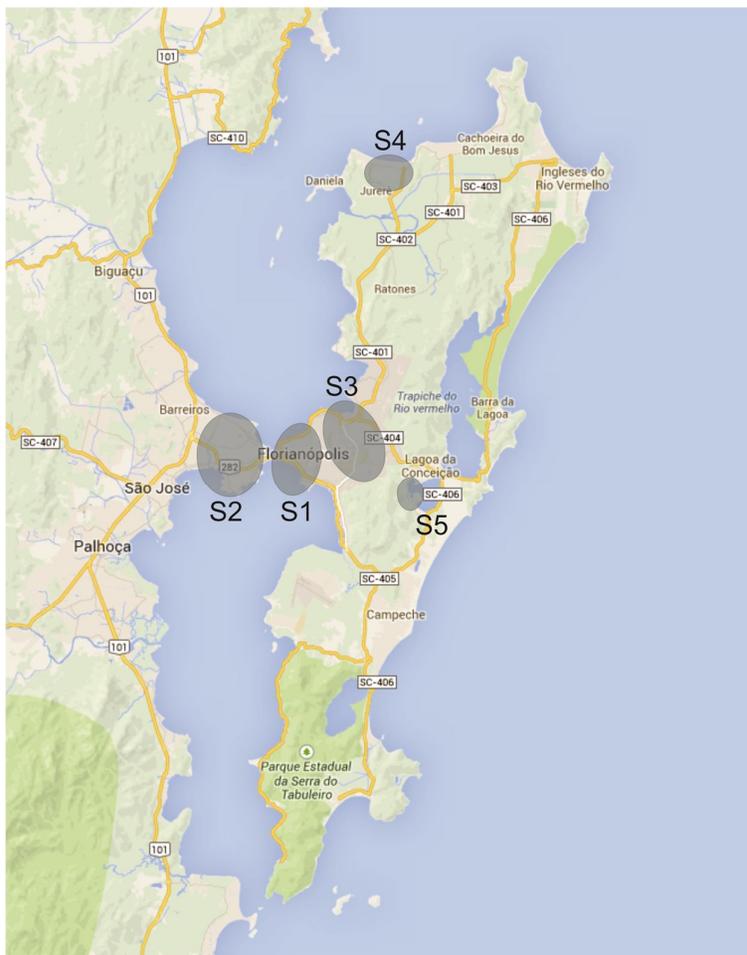


Figura 1 Mapa geral dos setores distribuídos nas regiões onde se encontram em Florianópolis. Fonte: Google Maps, Captado em junho de 2014. Intervenção gráfica dos autores.

Como verificado na pesquisa, a grande concentração de exemplares localiza-se no centro urbano insular (S1), correspondente ao espaço fundador da cidade e suas expansões. Este espaço é delimitado por uma península triangular formada pelas baías Norte e Sul e pelo maciço montanhoso a Leste, o Morro da Cruz. Assim tem-se grande concentração inicial de exemplares na área do entorno da Praça XV e, posteriormente, nas áreas definidas pela Avenida Hercílio Luz e Chácara de Espanha.

Foram cadastradas até o momento 53 exemplares de projetos e obras realizadas ainda existentes e três demolidos. No processo de trabalho são identificadas edificações, loteamentos, projetos paisagísticos e equipamentos urbanos. Cada exemplar tem sua especificação, com localização, autoria, data de construção e de projeto, usos (originais ou atuais), número de pavimentos, descrição do edifício, estudo de sua inserção no contexto, referências bibliográficas, fotos e desenho técnico, quando disponível.

Na execução tem sido utilizado o método histórico-crítico, utilizando de recursos como pesquisa de campo, bibliográfica, fontes primárias (projetos arquitetônicos originais) e documentação iconográfica (fotos e desenhos). Esses elementos coletados foram organizados e analisados como objeto de reflexão crítica.

Paralelamente ao cadastro de exemplares, a pesquisa procura também fazer o registro das autorias dos projetos, traçando assim o perfil dos profissionais observando sua formação, atuação em escritórios e instituições públicas, número de obras e suas específicas concepções como contribuição para a produção regional. Encontram-se registrados até o momento 30 autores, entre arquitetos, engenheiros, desenhistas e um paisagista, bem como os diversos agentes envolvidos, projetistas e clientes.

O **Setor 1 (S1)**, correspondente à península central, compreende o maior número de exemplares, sendo formado por edificações, praças e equipamentos de diferentes períodos e linguagens, demonstrando a inserção e substituição de exemplares gerada no processo de modernização do núcleo originário da cidade. Neste espaço destacam-se os projetos construídos para edifícios administrativos públicos, serviços de hotelaria e hospitais. As construções residenciais multifamiliares em altura e posteriormente, as

unifamiliares dos loteamentos de expansão, tornam-se os grandes investimentos imobiliários da região. Entre as principais obras desfiguradas encontra-se o projeto dos jardins para o aterro da baía sul, o Parque Dias Velho (1970) de Roberto Burle Marx.



Figura 2 – Vista aérea da área central em 1950, no início do processo de modernização pela verticalização.
Fonte: Casa da Memória FFC, PMF.



Figura 3 – O Edifício das Diretorias e sua inserção urbana em esquina da área central.
Fonte: Acervo da Pesquisa Itinerários da Arquitetura Moderna na Região de Florianópolis. Dario de Almeida

Prado, captado em 19 maio de 2008.

O **Setor 2 (S2)**, com quatro exemplares cadastrados, corresponde a área Continental, sendo estes exemplares um edifício público institucional, dois residenciais e um de uso comercial. Neste destaca-se o Edifício Normandie, projetado por Roberto Veronese em 1964 como hotel e cassino, hoje abrigando apartamentos residenciais (BALTHAZAR, 2012).

No **Setor 3 (S3)**, correspondente à área da UFSC e Itacorubi, se deu a expansão da cidade na segunda metade do século XX em diante, com oito edifícios institucionais, sendo cinco públicos. Na área da Trindade encontram-se os edifícios institucionais do campus da UFSC, com construção iniciada em fins da década de 1950, antes mesmo do estabelecimento oficial da instituição. Destacam-se a Biblioteca Universitária (1959), a Reitoria (1959), o Centro de Convivência (1960) e a Praça da Cidadania (1970), projeto de Roberto Burle Marx, atualmente alterada parcialmente. Há ainda nas imediações da universidade o edifício da Eletrosul, de 1975. No bairro do Itacorubi, ao norte, encontram-se as sedes da CELESC (1988), TELESC (1976) e do CREA (1978), que representam o último ciclo da modernização da capital registrado na pesquisa.



Figura 4 – Vista da Reitoria da UFSC, do Centro de Comunicação de Expressão e da praça central projetada por Roberto Burle Marx.

Fonte: AGECOM – UFSC, Captado em 13 de março de 1996.

No **Setor 4 (S4)**, definido na região de Jurerê, localizado no Norte da Ilha, foi cadastrado o loteamento Praia do Forte, de autoria de Oscar Niemeyer. Projeto de 1957, o loteamento incluía uma edificação para restaurante conhecida como Catetinho, posteriormente demolida. A estrutura fundiária do loteamento, no entanto, permanece preservada apesar das pressões imobiliárias, com seus passeios de pedestre em direção à praia no meio de quadra. (TEIXEIRA; ADAMS, 2007)

No **Setor 5 (S5)**, localizado na porção Leste da Ilha, identificou-se o complexo para loteamento à margem da Lagoa da Conceição denominado Centro Internacional de Turismo – CIT, com sede para clube esportivo e social, o Lagoa late Clube, de 1969, conforme Figura 5 (YUNES, 2009).



Figura 5 – Vista Aérea do Lagoa late Clube – LIC, projeto de Oscar Niemeyer.
Fonte: Casa da Memória FFC, PMF [19--].

Atualmente a pesquisa se encontra em etapa de desenvolvimento final, utilizando como campo de estudo a definição dos exemplares por respectivos setores, relacionando e complementando as informações levantadas, buscando traçar as estratégias de reconhecimento dos percursos e ações de divulgação e preservação do patrimônio levantado através da produção e publicação de artigos, livro e conteúdo virtual, considerando esses exemplares em sua importância como documentos que conectam os diversos momentos de produção urbana.

Patrimônio moderno: problemas de conservação

A arquitetura moderna, por ser vanguarda, enfrentou a oposição das correntes estilísticas conservadoras à época. Com a construção sistemática de projetos, veio a ter também problemas pragmáticos, ligados às questões de tecnologia construtiva, manutenção e conservação, como alerta Moreira (2010, p189): emprego de materiais novos sem comprovação empírica de desempenho, falhas de detalhamento e construção, obsolescência funcional e operativa ao longo do tempo e sistemas de infraestrutura antiquados. Isso tudo aliado, no caso brasileiro, a um processo incipiente de industrialização, com suas precariedades na construção civil.

São “novos desafios que merecem uma reflexão mais cuidadosa” (MOREIRA, 2010:189), que incluem questões diretamente ligadas à atualização das conceituações e mecanismos legais envolvendo a integridade dessa produção arquitetônica em sua especificidade. Além disso, ocorreram em vários exemplos e circunstâncias, alterações, muitas vezes irreversíveis, em sua espacialidade proposta. Casos infelizmente mais corriqueiros são, por exemplo, o fechamento parcial ou total dos pavimentos térreos e seus pilotis das edificações modernas, como aconteceu com o Hospital Celso Ramos, em Florianópolis, projeto de 1959 de autoria dos arquitetos Moysés Liz e Walmy Bittrency (CASTELLS, 2012).

As possibilidades de flexibilização espacial no emprego do concreto armado e seu sistema construtivo reticular fascinaram os arquitetos nos anos de 1950 e acabaram por dominar o campo da tecnologia de construção. Fatores pragmáticos, como a economia de meios, repetição de pavimentos-

tipo, ausência de ornamentos artesanais e outros não devem ser desconsiderados na recepção dessa linguagem, junto aos empreendedores.

Houve, ao que parece, um excesso de confiança em uma das qualidades mais divulgadas, para além das potencialidades plásticas e estruturais do concreto: sua solidez, aparentemente infinita. O preço pago pelo vanguardismo assim também se manifestou na precariedade e no empirismo das soluções estruturais, com a inexistência de normas técnicas precisas. A primeira norma brasileira – a NB 01 – é de 1940 e o foco nos problemas de durabilidade somente foi objeto de normativas no início do século XXI. Muitas obras modernas sofreram nesse ínterim os efeitos do tempo, inclusive o da falta de manutenção criteriosa, principalmente em se tratando de prédios públicos.

Por outro lado, os edifícios modernos foram construídos em um ciclo de ausência de preocupação com a eficiência energética, nos quais o paradigma dos *cinco pontos da arquitetura moderna* praticamente só incluía os *brise-soleils* como artefatos controladores da insolação. Caberia aos equipamentos de ar condicionado resolver esse problema, o que levou, em muitos casos, a interferências danosas na configuração plástica e integridade física das paredes externas dos edifícios modernos.

Um efeito desse teor parece ter ocorrido no Edifício das Diretorias, projeto do Engenheiro e Arquiteto Domingos Trindade, de 1953-1961 (CASTRO, 2013). As salas voltadas para oeste são utilizadas à tarde com cortinas e iluminação artificial e “a grelha de concreto remanescente (...) passou a suporte para a fixação de aparelhos de ar condicionado” (TEIXEIRA et al, op cit). As intervenções contemporâneas de adequação ao uso de novos sistemas mecânicos, elétricos e de comunicações também têm, em muitos casos, sido feitas sem critérios claros, que respeitem a configuração original dessas edificações.

Isso refletiria um desconhecimento ou descaso com a importância cultural dessa arquitetura como patrimônio urbano. Entendida como materialização de um ciclo identitário da cidade e concreção de uma linguagem arquitetônica emanada dos programas do nacional-desenvolvimentismo, esse patrimônio recente não tem ainda reconhecimento como tal. Além dos problemas inerentes à sua construção e utilização, como exposto acima, e da

falta de visibilidade histórica por parte da população e de (muitos) arquitetos, a arquitetura moderna e as demais linguagens da modernidade enfrentam a ausência de efetivos mecanismos legais de conservação e preservação.

Embora com a criação do IPHAN em 1937 se tenha inaugurado a proteção dos bens arquitetônicos modernos, como o Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro, e a Igreja da Pampulha, em Belo Horizonte ainda na década de 1940, esse cuidado foi pontual. Outra corrente da arquitetura moderna no Brasil, fora do âmbito da chamada *escola carioca*, veio a ser considerada objeto de tombamento federal somente nos anos de 1980, como foi o caso das três casas de Gregori Warchavchik (1927 a 1930). Exemplares dignos de proteção nacional, como a Casa de Vidro de Lina Bo Bardi (São Paulo, 1951) e o Elevador Lacerda (Salvador, 1929) criação de Fleming Thiesen/Prentice & Floderer foram elencados somente no início do século XXI (ANDRADE JÚNIOR; CARVALHO; FREIRE, 2010:333).

Em Florianópolis não há edificações modernas tombadas nas esferas federal e estadual. Persiste em geral a ausência de uma continuidade sistemática de identificação e registro, bem como ações de preservação do patrimônio da modernidade no plano nacional. No plano estadual, ao que parece, não há também movimentação maior nesse sentido.

Na esfera do município, da cidade-capital, as contradições se acumulam. Pressionados pela especulação imobiliária e consequente valorização dos lotes centrais, os imóveis representativos desse ciclo do moderno, exemplos interessantes da relação edifício-cidade, têm sido vítima sistemática das demolições. Ocorrida em outubro de 2010, a demolição do Edifício Mussi, projeto de Wolfgang Ludwig Rau de 1957, resultou de um ato municipal controverso. A municipalidade aparentemente desconsiderou duas de suas leis de proteção patrimonial: a Lei 6486/2004 que determina que não será permitido sem prévia autorização do SEPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural) qualquer obra ou demolição no entorno de edificações preservadas nas categorias P1 e P2; e a Lei Complementar 154/2005, que proíbe em um raio de 100 metros, obras “que possam interferir na visualização de edificações integrantes do patrimônio”. Esse era o caso do Edifício Mussi, vizinho da Igreja Luterana, bem municipal tombado.

Outro caso é o da Residência Zipser, projeto de Hans Broos de 1959, também situada na península central e obra de um arquiteto internacionalmente conhecido. Projeto concebido em linguagem moderna, guardada a contradição, poderia ser considerado um representante do modernismo clássico e exemplo do avanço da cidade para fora do núcleo fundador, com lotes mais generosos e uso residencial. Novamente os especialistas do órgão municipal de preservação foram, ao que parece, vencidos pela força do capital imobiliário e por certa inoperância dos dirigentes do setor público competente.

Os aspectos levantados nesse trabalho levam a crer na grande importância do registro e documentação dessa produção moderna, através de métodos e mídias contemporâneos. Um dos objetivos seria dar apoio logístico a ações de preservação e educação patrimonial sistemática, dando maior visibilidade e reconhecimento, junto à população, dessas obras representativas de ciclos socioculturais da cidade-capital.

Referências e bibliografia pesquisada

AGOSTINHO, Maria da Graça; AMORA Ana Albano. **Edifícios para a saúde e o processo de modernização em Florianópolis**, um passo para a preservação do patrimônio moderno. In: Anais do 8º Seminário Docomomo Brasil. Rio de Janeiro, Docomomo RIO/ PROURB, 2009. Disponível em: <http://www.docomomo.org.br/seminario%208%20pdfs/101.pdf>

ALBERTON, Josicler Orbem. **Influencia modernista na arquitetura residencial de Florianópolis**. Dissertação de Mestrado, Pós-Arq / UFSC. Florianópolis, 2006.

AMORA, Ana Albano; LAZZARIS, Milana Cristina. **Hospital Nereu Ramos**. In: AMORA, Ana Albano (org). História da saúde em Santa Catarina: Instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958). Barueri: Fiocruz/Manole, 2012 (1 CD-ROM)

ANDRADE JÚNIOR, Nivaldo Vieira; CARVALHO, Maria Rosa; FREIRE, Raquel Neimann da Cunha. **O IPHAN e os desafios da preservação do Patrimônio Moderno**: A aplicação na Bahia do Inventário Nacional da Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo Modernos. In SEGRE, Roberto et alli (orgs.).Arquitetura + Arte + Cidade. Um debate internacional. 8º Docomomo Brasil. Rio de Janeiro: Viana & Mosley, 2010.

BALTHAZAR, Raissa. **Revitalização da Arquitetura Moderna**: Edifício

- Normandie. 2012. 40 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Departamento de Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- CASTELLS, Eduardo Jorge Felix. **Hospital Governador Celso Ramos**. In: AMORA, Ana Albano (org). História da saúde em Santa Catarina: Instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958). Barueri: Fiocruz/Manole, 2012 (1 CD-ROM)
- CASTRO, Eloah Rocha Monteiro de. **Jogo de formas híbridas**. Arquitetura e modernidade em Florianópolis na década de 50. Tese de doutoramento. PPGH / CFCH / UFSC. Florianópolis, 2002.
- CASTRO, Eloah Rocha Monteiro. **Edifício das Diretorias**: Emblema Modernista em Florianópolis. Esboços: Revista do Programa de Pós-graduação em História da UFSC, Ufsc, v. 5, n. 5, p.7-18, 1997. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/521>>. Acesso em: 12 dez. 2013.
- CAVALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era Moderno**. Guia de Arquitetura 1928-1960. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- DAUFENBACH, Karine. **Hans Broos** – A expressividade da forma. Rio de Janeiro, 2006.
- MATTOS, Melissa. **Arquitetura institucional em concreto aparente e suas repercussões no espaço urbano de Florianópolis entre 1970 e 1985**. Dissertação de Mestrado, PGAU-CIDADE / UFSC. Florianópolis, 2009.
- MINDLIN, H. **Arquitetura Moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano/IPHAN, 2000.
- MUNARIM, Ulisses **Arquitetura dos cinemas**: Um estudo da modernidade em Santa Catarina. Dissertação de Mestrado, PGAU-CIDADE / UFSC. Florianópolis, 2008.
- PELUSO JUNIOR, Victor Antonio. **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina**. 1. ed. Florianópolis: Ed. Da UFSC: Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte, 1991.
- PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- SUGAI, Maria Inês. **As intervenções viárias e as transformações do espaço urbano**. A via de contorno norte-ilha. 232 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994, p.55.
- TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura; ADAMS, Betina. **Ecos de Brasília**:

- Loteamento "Praia do Forte" Florianópolis / Santa Catarina / Brasil. In: 7º Seminário DoCoMoMo Brasil. Anais. – Porto Alegre: DoCoMoMo Brasil, 2007.
- TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. **Arquitetura e cidade: a modernidade (possível) em Florianópolis, Santa Catarina - 1930-1960.** Tese de doutoramento / USP-SC. São Carlos, 2009.
- TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura; GRAD, Guilherme Freitas; MUNARIM, Ulisses. **Moderno mas não eterno.** Algumas reflexões sobre um Patrimônio ameaçado em Florianópolis. In NOLL, João Francisco; ODEBRECHT, Sílvia. Modernidade em Arquitetura e Urbanismo em Santa Catarina. Blumenau: FURB, 2012.
- YUNES, Gilberto Sarkis. **Ícones modernos nos clubes sociais de Florianópolis.** 2º. Encontro de Pesquisadores do Modernismo na Arquitetura e Urbanismo de Santa Catarina. Florianópolis, UFSC, 2009.
- YUNES, Gilberto Sarkis. OLIVEIRA, Lisete Assen de. **Dinâmica da Verticalização em Florianópolis.** 2006. Seminário sobre Verticalização. São Paulo, Universidade Mackenzie, 2007.
- ZEIN, R.V.; DI MARCO, A.R. **Paradoxos do valor artístico e a definição de critérios de preservação na arquitetura, inclusive moderna.** Revista eletrônica Vitruvius. Arqtextos. ano 09, jul 2008. Captada em 13/11/2011.